

# OS DISCURSOS CONTRADITÓRIOS SOBRE A VELHICE E OS EFEITOS DOS SILENCIAMENTOS

Erika Camila Veríssimo da Silva<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho<sup>2</sup>

*RESUMO: O presente trabalho busca compreender o funcionamento do discurso sobre a velhice na sociedade capitalista atual, a fim de refletir acerca das contradições e silenciamentos gerados pelas determinações históricas do sistema capitalista na produção dos processos discursivos. Nossa pesquisa está fundamentada nos dispositivos teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de origem francesa, na linha de Michel Pêcheux (1988), que trabalha o discurso enquanto “estrutura e acontecimento”. Logo, a AD não se reduz a uma decodificação de textos, pois sua função consiste em explicar porque o texto produz sentido; não os sentidos contidos no texto. Foram mobilizadas, em nossas análises, as seguintes categorias em análise do discurso: Silenciamentos (ORLANDI, 2007), Contradição (ALTHUSSER, 1985) além das noções de Condições de Produção e Formações Discursivas (FD's). O corpus desta pesquisa consiste em uma reportagem televisiva, de um telejornal, extraída do site G1.globo.com, que aborda a temática da velhice. Após um primeiro gesto de interpretação, fizemos um recorte em sequências discursivas, a fim de encontrar vestígios de silêncios e contradições. A partir das análises pudemos constatar que os discursos sobre a velhice estão repletos de silêncios, que por sua vez, não significa o “vazio”, o “nada”, mas revelam sentidos sobre o trabalhador velho/idoso aposentado que afetam ideologicamente estes trabalhadores a continuarem exercendo suas atividades laborativas, para não serem significados como “inativos” perante a sociedade. Concluímos que a sociedade capitalista atual busca se expressar em diferentes formações discursivas (FD's) da Saúde e Religiosa a fim de propagar a ideologia do lucro e manter-se como classe dominante. Nessa perspectiva, podemos afirmar que nenhum discurso é neutro e que a constituição dos sentidos que circulam sobre a velhice são históricas e revelam as contradições típicas de uma sociedade de classes.*

## **Introdução**

O presente artigo é resultado da pesquisa, PIBIC-UFAL (2016/2017), intitulada: “O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO SOBRE A VELHICE: IMBRICAÇÕES CONTRADITÓRIAS NOS TRAJETOS DE SENTIDOS”, cujo foco consiste em refletir acerca das contradições e silenciamentos gerados pelas determinações históricas do sistema capitalista na produção dos processos discursivos sobre a velhice.

Nossa pesquisa está fundamentada nos dispositivos teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de origem francesa, na linha de Michel Pêcheux, que trabalha o discurso enquanto “estrutura e acontecimento”. Logo, a AD não se reduz a uma decodificação de textos, pois sua função consiste em “explicar os caminhos do sentido e os mecanismos de estruturação

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela FALE na Universidade Federal de Alagoas.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal de Alagoas.

do texto. Ou seja: explicar porque o texto produz sentido; não os sentidos contidos no texto” (FLORENCIO *et al.*, 2009, p.23).

Iniciaremos nossa reflexão sobre uma das categorias da Análise do Discurso que foram abordadas em nossa pesquisa, a categoria Silêncio. Nossos estudos tomaram como base o livro “Formas do Silêncio”, produzido por Eni Puccinelli Orlandi (2007). A autora na busca pela compreensão do dizível com o indizível resgata o silêncio do seu sentido “passivo” e “negativo” e o observa a partir da ótica discursiva, que está ligada à história e à ideologia. Segundo Orlandi, o silêncio é fundador para que o sujeito produza sentido, ou seja, há um silêncio necessário que é condição para a constituição de sentido, pois não se pode dizer tudo. O silêncio fundante produz as condições para significar e é fundamental para a produção de sentidos, em outras palavras, ele é a garantia do movimento de sentidos e dos sujeitos. A política do silêncio, por sua vez é dividida em duas formas: **1. Silêncio constitutivo** e **2. Silêncio local**.

O **silêncio constitutivo** instala o anti-implícito: se diz “x” para não dizer “y”. Dito de outra maneira, que para dizer é preciso não dizer, ou seja, o silêncio produz uma divisão, pois não se pode dizer tudo em todas as perspectivas, não é possível um dizer total, completo, saturado. Dessa forma uma palavra apaga “outras” palavras, outros sentidos possíveis que poderiam ser produzidos e não foram.

Já o **silêncio local** refere-se à interdição do dizer, ou seja, àquilo que é proibido dizer, trata-se da censura propriamente dita. A censura estabelece, de acordo com Orlandi (2007, p.77): “um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, *não* deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala”. Assim, a autora considera a censura em sua materialidade linguística e histórica, ou seja, no seu caráter discursivo. Através da censura poder-se-á observar as relações do sujeito com as formações discursivas e ainda a resistência, pois onde há silêncio imposto há possibilidades de os sentidos migrarem para outros objetos simbólicos.

Daremos continuidade com o estudo da segunda categoria da Análise do Discurso proposta para esta pesquisa, a categoria Contradição. A partir dos estudos de Louis Althusser e de sua obra “Aparelhos ideológicos de Estado” pudemos chegar à compreensão da categoria **Contradição** em Análise de Discurso.

Para entender as relações do trabalho, faz-se necessário ressaltar que a sociedade capitalista é baseada, sobretudo, na exploração do trabalho, na competição e na concorrência entre os sujeitos, na divisão de classes e na propriedade privada. A luta pela existência social se dá pela relação de trabalho e, por isso, numa sociedade que é dividida em classes antagônicas,

há concentração de riquezas nas mãos de uma pequena parcela da população, e, por outro lado, pode-se observar o empobrecimento feroz da classe trabalhadora.

Essas relações sociais antagônicas são relações contraditórias que se inscrevem na discursividade. Pela exploração do trabalho, nos deparamos com a desumanização do trabalhador que transformado em mercadoria, coisa, por meio do trabalho alienado/estranhando, sofre todas as vicissitudes da lógica do capital. Desse modo, o trabalhador é desumanizado, pois é coisificado, transformado em mercadoria, pela lógica capitalista.

## PRIMEIRAS ANÁLISES

Partiremos nesse momento para a análise da reportagem televisiva publicada no portal de notícias do Globo, *G1.globo.com* no dia 18/02/2016, que tem como foco apresentar os idosos que deveriam estar “descansando” na aposentadoria, mas que continuam “batendo o ponto” todos os dias. Fizemos alguns recortes dos depoimentos de dois idosos “aposentados” e que continuam no mercado de trabalho.



*“Em primeiro lugar eu adoro está na ativa, porque eu não quero “alemão” nenhum me pegando, com esse tal de Alzheimer e outra coisa eu não posso ter tempo para ter depressão” (D. Marisa)*

Ao analisar o discurso da caixa de supermercado, Dona Marisa, que se aposentou há 1 ano, podemos constatar que ela justifica seu retorno ao mercado de trabalho reproduzindo sentidos da ideologia dominante “Eu adoro está na ativa”. O funcionamento desse dizer silencia as contradições das relações de trabalho, pois é preciso dizer que “adora está na ativa” para não ser significada como “inativa”, pois segundo Haddad (1986, p.49) ao se perguntar o que resta aos homens depois da aposentadoria, responde: “A inoperância, isto é a improdutividade, segundo o saber especializado é a causa *mortis*, o trabalho é a vida”, assim o sujeito aposentado é significado como “inativo”, “improdutivo” por não produzir lucros, diretamente, para o

capital. A respeito desses sentidos negativos sobre os velhos/idosos aposentados Silva Sobrinho (2007) aponta que:

Quando já não mais produtivos, são também considerados doentes, e assim os trabalhadores são relegados ao abandono e à morte. O medo da morte é acompanhado pelo medo do sofrimento por estar abandonado, excluído, “jogado fora” [...] (SILVA SOBRINHO, 2007, p.130).

Seguindo com análise temos o seguinte enunciado: *“porque eu não quero ‘alemão’ nenhum me pegando, com esse tal de Alzheimer”* podemos observar um entrecruzamento de discursos, entre o discurso capitalista e o discurso científico da saúde, no qual o último submete-se ao primeiro e este se torna dominante nesse enunciado, pois o Estado e suas instituições contribuem para o processo de reprodução da sociedade capitalista, pois são regidos e regulamentados de acordo com a lógica desta.

Dessa forma, podemos observar como a sociedade atual visa silenciar a exploração do trabalhador velho/idoso aposentado inscrevendo-se em outras Formações Discursivas (FD), nesse caso a da saúde, para inculcar através da ideologia que este precisa manter-se “na ativa” para não adquirir doenças (*Alzheimer*)<sup>3</sup> com a chegada da velhice, silenciando-se assim a partir do silêncio constitutivo, que as doenças acometidas pelos trabalhadores são, em sua grande maioria, resultadas pela exposição e intensificação do trabalho, que se constituem como relações de produção, isto é relações de exploração capitalistas.

Continuaremos com a análise, da fala da caixa, que traz mais alguns vestígios desses entrecruzamentos de discursos, como foi apontado anteriormente, mas traz um fator novo que é a expressão “tempo”.

*“e outra coisa eu não posso ter tempo para ter depressão.”*

No enunciado acima, podemos constatar que o funcionamento desse discurso se dá a partir da relação paráfrase e polissemia, na qual segundo Orlandi (2007, p.17) “se faz na contradição entre o ‘um’ e o ‘múltiplo’, o mesmo e o diferente” que determina “o poder dizer”. O esquema abaixo representa esse deslocamento de sentidos, vejamos:

Ter tempo = Aposentadoria = ter depressão

Não ter tempo = retorna ao trabalho = ter uma vida sem doenças (saudável)

---

<sup>3</sup> Segundo a Associação brasileira de *Alzheimer* (ABRAz) quase todas as vítimas da doença de *Alzheimer* são pessoas idosas.

O funcionamento desse discurso silencia contradições, pois podemos afirmar que o “ter tempo” está referindo-se ao tempo livre do trabalhador aposentado que não está mais produzindo nas empresas/fábricas e, portanto, torna-se propício/vulnerável a qualquer tipo de doenças (*Alzheimer* e depressão), pois a única forma de manter-se “saudável” é “não ter tempo” é trabalhar incessantemente a ponto de perder o sentido de sua existência, a fim de dedicar-se ao trabalho para não pensar em doenças e ser/manter-se “ativos”. Essas relações de sentidos silenciam outra possível leitura das contradições da sociedade capitalista, a de que a depressão, como afirma Haddad (1986, p.48), é a “expressão das condições materiais de vida, envolvendo, pois, a questão da alienação; é consequência das relações de produção e reprodução do próprio trabalhador, portanto, fruto da forma produtiva da sociedade”.

Ainda no escopo desse funcionamento discursivo, compreendemos que parece que é uma “escolha” do sujeito: ou vai viver a “velhice” com “depressão” ou vai “gastar” seu tempo livre trabalhando. No entanto o dizer coloca a condição do trabalhador explorado: “*eu não posso ter tempo para ter depressão*”, porque precisa ser um sujeito produtivo (sem doenças). Porém, a respeito dessa “livre-escolha do sujeito, podemos observar o que nos diz Althusser (1918, p.104): “o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão, para que ele ‘realize por si mesmo’ os gestos e atos de sua submissão (ALTHUSSER, 1918, p.104).

Seguiremos com a análise do depoimento do seu Aluísio, que tem 65 anos, e 30 anos na profissão de coletor de lixo, que exigia que ele corresse 30 a 40 quilômetros por dia atrás do caminhão da coleta, e que mesmo após ter se aposentado há dois anos continua exercendo a mesma atividade. Ao ser questionado pelo repórter a respeito do motivo do seu retorno ao mercado de trabalho, ele afirma possuir um motivo maior:



*“O salário é pouco da aposentadoria é pouco mesmo. Se for vamo supor éh,. um salário pra sobreviver dá, mas só que você já viu né? Então a gente trabalhando é um complemento a mais, você leva uma vidinha melhor, enquanto tiver saúde vamos trabalhar” (Seu Aluísio)*

No enunciado: “*O salário é pouco da aposentadoria é pouco mesmo*”, podemos observar uma das contradições do modelo de sociedade capitalista, que é a apropriação das riquezas produzidas pela classe trabalhadora. Ou seja, a força de trabalho que gera riqueza é subjugada pela lógica de exploração, deixando o trabalhador na pobreza, recebendo apenas um mísero salário para manter-se vivo, mesmo que em condições precárias. Segundo Althusser:

O salário representa apenas a parte do valor produzido pelo gasto da força de trabalho, indispensável para sua reprodução, quer dizer, indispensável para a reconstituição da força de trabalho do assalariado (para a habitação, vestuário e alimentação, em suma, para que ele esteja em condições de tornar a se apresentar na manhã seguinte – e todas as santas manhãs – ao guichê da empresa) [...] (ALTHUSSER, 1918, p.56).

Quando se trata do trabalhador velho/idoso aposentado a situação se torna ainda pior, pois, após a aposentadoria a inflação corta parte dos rendimentos desses trabalhadores o que significa a reprodução da miséria humana, como observamos no enunciado a seguir: “*Se for vamo supor éh, um salário pra sobreviver dá, mas só que você já viu né?*”. Podemos observar, que no momento de sua fala o sujeito deixa os possíveis sentidos em aberto: “*mas só que você já viu né?*”, ou seja, trata-se de um “silêncio necessário” no qual é possível observar através do silêncio local, que este trabalhador viria a passar possíveis necessidades sem esse retorno às atividades laborativas, assim é “preciso não dizer para dizer” (Orlandi, 2007).

Seguindo com nossa análise, podemos analisar que o seguinte enunciado “*Então a gente trabalhando é um complemento a mais, você leva uma vidinha melhor, enquanto tiver saúde vamos trabalhar*” é revelador dos efeitos de sentidos produzidos na sociedade capitalista que se inscreve na fala do trabalhador-velho/idoso. Segundo Lessa & Tonet (2011, p.96) “[...] a ilusão, no trabalhador, de que ele compartilha de um destino comum com o capitalista. O crescimento da economia e do negócio do seu patrão parecem coincidir com os interesses do trabalhador”. Essa ilusão é alimentada pelos capitalistas, afim de atingir seus objetivos que consistem em produzir lucros e a alienação do sujeito trabalhador é fator essencial para isto. No entanto, de acordo com os estudos de Silva Sobrinho, podemos afirmar que:

Os ‘velhos/idosos’ de que tratamos estão em um lugar social historicamente determinado. Eles não são proprietários dos meios de produção, por isso não fazem parte da classe dominante, pois no sistema de produção eles apenas possuem sua força de trabalho que lhes garante sua (sobre)vivência (SILVA SOBRINHO, 2007, p.80).

Para finalizar nossa análise iremos observar um fator comum nos discursos dos dois trabalhadores apresentados anteriormente, que revelam a presença do Silêncio e das Contradições históricas da sociedade vigente.

*Descansar? deixa meu filho, vai ter um dia que eu vou descansar mesmo. Consequentemente né? Mas só nesse dia. Enquanto olha, vou te falar, Deus me abençoar eu continuo* (D. Marisa)

O discurso, da operadora de caixa, revela que esta está inscrita na Formação discursiva do Mercado, pois ao fazer a analogia da aposentadoria com a morte “*Descansar? (aposentar?)[...] vai ter um dia que eu vou descansar (morrer) mesmo*”, são lançados sentidos negativos sobre a aposentadoria, direito conquistado pela luta dos trabalhadores. A fim de usurpar esses direitos obtidos pelos trabalhadores os capitalistas propagam sentidos negativos sobre a aposentadoria com a finalidade de fazer o trabalhador, a partir dos sentidos produzidos pela ideologia dominante, rejeitar a velhice, a aposentadoria e seus direitos. Para confirmar o que está discutido, basta analisar a proposta da Reforma da Previdência, que está sendo motivo de várias discussões e questionamentos.

Voltemos ao enunciado: “*Enquanto olha, vou te falar, Deus me abençoar eu continuo*”. Nessa materialidade discursiva, podemos verificar a presença do discurso religioso, que é definido por Orlandi (2007, p. 28 apud Orlandi, 1983) como “aquele em que fala a voz de Deus” logo, se trata dizer, ainda segundo a autora, que “na ordem do discurso religioso, Deus é o lugar da onipotência do silêncio”. Assim, podemos observar a partir dessa definição da autora como os capitalistas se inscrevem nas Formações discursivas religiosas para inculcar os sujeitos a continuarem se assujeitando na competição do mercado de trabalho, visto que, mediante o silêncio “o homem faz falar a voz de Deus”.

Podemos observar que o mesmo acontece no discurso do coletor de lixo:

*Sou feliz fazendo isso porque graças a Deus o que eu tenho foi ganhado tudo aqui na coleta, é brabo, mas é honesto, é fácil não, mas a gente vai embora né?!*

Nesse enunciado, podemos observar como a ideologia religiosa compartilha dos interesses do capital, pois o sujeito se diz agradecido à Deus por ter um trabalho. Mas silencia no discurso o desgaste físico e mental para conseguir sua sobrevivência. Porém no enunciado a seguir: “*é brabo, mas é honesto, é fácil não, mas a gente vai embora né?*”, podemos observar o silêncio local, ou seja, a censura, o lugar da resistência. Vejamos, pois, que no enunciado do trabalhador está presente uma divisão: os sentidos permitidos e os proibidos:

<b>CONTRADIÇÃO/SILENCIAMENTOS</b>
-----------------------------------

É brabo...	Mas é honesto
É fácil não...	Ou seja, (digno, respeitável...)
Ou seja, (pesado, sofrido, cansativo...)	Mas a gente vai embora né?
	Ou seja, (resiste...)

Nesse contexto o sujeito denuncia as condições de exploração em que vive tentando não submeter-se à interdição do dizer, porém acaba sendo levado a silenciar, pois ele pode vir a ser advertido pelo seu chefe ou até ser demitido por falar da empresa na qual atua. Assim, podemos afirmar que “o silêncio da censura não significa ausência de informação mas interdição. Nesse caso não há coincidência entre não dizer e não saber” (Orlandi, 2007, p.107), o que impede o sujeito de elaborar a sua história de sentidos.

## CONCLUSÃO

Podemos concluir, a partir de nossa pesquisa, que a sociedade capitalista atual busca se expressar em diferentes formações discursivas (FD's) da Saúde “*e outra coisa eu não posso ter tempo para ter depressão*” e Religiosa “*Enquanto olha, vou te falar, Deus me abençoar eu continuo*”, a fim de propagar a ideologia do lucro e manter-se como classe dominante.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que nenhum discurso é neutro e que a constituição dos sentidos que circulam sobre a velhice são históricas e revelam as contradições típicas da sociedade capitalista, que busca através dos mecanismos da ideologia silenciar, no discurso, as explorações e desumanização vivenciadas por todos os trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.



BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FLORENCIO, Ana Gama & et all. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Maceió: EDUFAL, 2009.

GREGOLIN, M.<sup>a</sup> do Rosário. **O acontecimento discursivo na mídia: metáforas de um breve histórico de tempo**. In *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. **A ideologia da Velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. **O direito à velhice: os aposentados e a previdência social**. São Paulo: Cortez, 1993.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Boitempo, 2002.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011, 2<sup>o</sup> ed.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **Salário, preço e lucro**. São Paulo: Global, 1980. MARX, Karl. **O Capital. Livro I**. 2<sup>o</sup> ed, São Paulo: Nova Cultural, 1985.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2000.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In ORLANDI, Eni (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In MORAES, Myriam & BARROS, Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidades, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

SILVA SOBRINHO, Helson. **Discurso, Velhice e Classes Sociais**: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica. Maceió: Edufal, 2007.

SILVA SOBRINHO, Helson. O discurso sobre ciência e envelhecimento nas redes de comentários.com. **Estudos Linguísticos**. Nº. 42, vol. 3. 2013.

SILVA SOBRINHO, Helson. Imagens e não-imagens da velhice na imprensa: formulações que encarnam o discurso, efetivam sentidos e delimitam sujeitos. In BERNARDO-SANTOS, Wilton & TFOUNI, Fábio. (Org.). **Discurso, mídia e ensino**: entrecruzamentos de abordagens. Aracaju: Editora Criação, 2015.